

CARTA ENDEREÇADA À BELL HOOKS: A “PEDAGOGIA ENGAJADA” ASSOCIADA À EDUCAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Daniella Viveiros Meirelles¹

Querida bell hooks,

Me parece uma tarefa difícil endereçar uma carta a você, autora e escritora que tanto passei a admirar. Descobrir sua história, seus ensinamentos e, principalmente, sua obra “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática” (2020)² foi inspirador.

A descoberta é recente, mas de grande impacto. Assim sendo, antes de iniciarmos qualquer aprofundamento, considero importante revisitar brevemente minha jornada, que se associa fortemente ao objetivo dessa carta: discutir o ensinamento intitulado “Pedagogia Engajada” presente em sua obra citada acima e sua associação à Educação Veterinária.

O desejo de atuar como professora e tentar fazer a diferença em processos educacionais não se origina de uma formação em pedagogia ou em qualquer tipo de licenciatura. Sou graduada em Medicina Veterinária e, mesmo antes da graduação, me recorde de transitar por uma educação fortemente bancária, como apresentado por Freire (1987)³.

Durante a graduação, comecei a sentir incômodos com a maneira em que os professores nos ensinavam. Quando as aulas não eram muito teóricas, sem muito engajamento, as aulas práticas eram muito tecnicistas. Muitos dos professores possuíam domínio técnico sobre os conteúdos didáticos que ministravam, porém pareciam não saber como engajar a turma, e fugiam de aulas expositivas e avaliações tradicionais.

O processo educativo pautado em notas e reconhecimento intelectual não me supria. Sob a minha perspectiva, discutir e desenvolver aspectos humanísticos também era necessário para tornar os profissionais da saúde ainda melhores. Nessa mesma época, meu contato com a docência se iniciou ao me tornar monitora em uma disciplina nomeada “Anatomia Patológica” –considerada profissionalizante na grade curricular do curso superior em questão.

Durante os semestres em que fui monitora, fazia questão de me aproximar dos alunos, conhecê-los, promover debates e utilizar a “problematização” como método de ensino nas monitorias que eu ofertava. Foi quando eu enxerguei que gostava de aprender enquanto ensinava.

Em paralelo, comecei a ofertar aulas particulares para alunos de graduação. Investi aos poucos, e comecei a escutar de colegas, familiares e amigos que eu “levava jeito” para

¹ Médica veterinária pelo Centro Universitário de Viçosa, pós-graduada em Docência e Gestão do Ensino Superior pela Universidade Estácio de Sá, mestre e doutoranda em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Viçosa. Seus projetos de pesquisa envolvem: educação em Medicina Veterinária, metodologias ativas de ensino e ensino remoto no contexto formativo de médicos veterinários.

² hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020. 288p.

³ FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 1987.

lecionar. Somado a isso, quase no fim do curso de graduação, o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) em associação a diversas instituições de ensino superior (IES) – incluindo a que eu estudava – promoveu treinamentos e palestras sobre estratégias de ensino e aprendizagem que tornassem os alunos mais ativos, críticos e reflexivos, e como representante de turma, tive a oportunidade de participar.

Foi então que conheci as chamadas “metodologias ativas de ensino (MA)” e me encantei. Percebi que poderiam ser alternativas para a educação em Medicina Veterinária. Mas, eu ainda era graduanda. Não via como poderia suscitar debates para maior inserção das mesmas no processo formativo de médicos veterinários e, somado a isso, eu estava no meu último ano de graduação. Ou seja, deixaria aquele espaço logo, logo.

Nessa mesma época, um professor muito querido – um dos poucos preocupados em também trazer mudanças para o ensino tradicional em Medicina Veterinária – me perguntou se eu não tinha interesse em construir uma pesquisa, que envolveria a análise de percepção de docentes e discentes quanto ao uso de MA. Eu aceitei.

Confesso, bell, que foi desafiador e completamente fora dos padrões de temas de “trabalhos de conclusão de curso” na minha área. No entanto, tal pesquisa permitiu uma publicação científica em conjunto ao CFMV e trouxe fortes levantamentos sobre o processo de ensino e aprendizagem em Medicina Veterinária, bem como importantes limitações nesse contexto (MEIRELLES *et al.*, 2019)⁴.

Para não me estender muito, foi a partir disso que meu olhar para a educação e para diferentes ferramentas metodológicas cresceu. Depois da graduação, decidi me tornar professora universitária e venho construindo minha jornada. Hoje, como doutoranda do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Viçosa (UFV), venho seguindo a mesma linha de pensamento e realizando pesquisas relacionadas à formação acadêmica e profissional de médicos veterinários.

Como criticado por Cunha (2010)⁵, docentes universitários se construíram, historicamente, na ideia de que sua profissão de base seria o norteamo para sua atuação como educadores. Sendo assim, se eles sabem fazer, eles sabem ensinar. A autora ainda aponta que, para muitos professores universitários, os conhecimentos pedagógicos são colocados em segundo plano. Isso também tem sido relatado na docência em Medicina Veterinária (MEIRELLES *et al.*, 2019; OLIVEIRA *et al.*, 2018⁶; COBUCCI, 2017⁷).

No entanto, visando contrapor esse cenário, venho buscando conhecimentos em especializações, cursos, eventos científicos e disciplinas ao longo do mestrado e doutorado, que discutam sobre educação e que me forneçam caminhos didático-pedagógicos para atuar em diferentes cenários no Ensino Superior. Dessa forma, entre tantos outros importantes educadores e autores, tive a oportunidade de conhecer o seu trabalho, cara bell hooks.

⁴ MEIRELLES, D. V.; COBUCCI, G. C.; CUNHA, A. F. D. Como docentes e discentes de Medicina Veterinária avaliam o uso de metodologias ativas na graduação? **Revista CFMV**, Brasília, n. 80, p.47-58, 2019.

⁵ CUNHA, M. I. A docência como ação complexa. *In*: CUNHA, Maria Isabel (Org.). **Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva Individual ao espaço institucional**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, p. 19-34, 2010.

⁶ OLIVEIRA, M. S.; BRUZAMOLIN, A. L.; OLIVEIRA, M. M. F. Avaliação e formação pedagógica dos docentes de um curso superior de Medicina Veterinária. **Revista Intersaberes**, v.13, n. 30, set./dez, 2018.

⁷ COBUCCI, G. C. **Metodologias ativas e aspectos pedagógicos no ensino de graduação em Medicina Veterinária**. Viçosa, 2017. 103p. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Viçosa.

Através da disciplina intitulada “Educação e as Razões Oprimidas” – cursada no doutorado –, que trabalha com excelência as obras de Paulo Freire, eu conheci a sua obra “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática”⁸, que se constitui como uma das bibliografias de referência da disciplina. Como mencionei anteriormente, ao ler seus livros, o tema *Pedagogia Engajada* me tocou.

Acreditar em práticas pedagógicas que favoreçam a pedagogia engajada para o campo das Ciências Veterinárias é transcender a perspectiva convencional e tecnicista na construção de médicos veterinários, que vem sendo empregada há muitos anos no Brasil (PAULA, 2020⁹; RONCATI *et al.*, 2013¹⁰). Como você mesmo defende, querida bell, a pedagogia engajada parte do pressuposto de que a interação entre docentes e discentes favorece a aprendizagem, que a participação de ambos deve ser preconizada, bem como o pensamento crítico e o diálogo (hooks, 2020).

A pedagogia engajada diverge da chamada educação bancária, denominada e criticada por Freire (1987). O autor, que tanto eu quanto você admiramos, afirma que esta última coloca o professor como único detentor dos conhecimentos, que os transmite de forma passiva aos alunos, que, por sua vez, terão a função de memorizar e reproduzir tais saberes.

Saliento aqui que é de grande valor para o meu processo construtivo conhecer uma mulher, educadora e feminista como você, que também se inspirou no pensamento freiriano para traçar sua jornada como autora e educadora. Isso me fornece confiança para seguir com meu propósito educacional.

No entanto, cara bell, é preciso mencionar que o emprego da educação bancária ainda se faz densamente presente em muitas IES que oferecem os cursos de graduação em Medicina Veterinária (MEIRELLES *et al.*, 2019; OLIVEIRA *et al.*, 2018). Os conhecimentos são fragmentados entre as disciplinas e há supervalorização de determinadas áreas de atuação do médico veterinário, como a clínica veterinária (BÜRGER, 2010¹¹; PFUETZENREITER; ZYLBERSZTAJN, 2004¹²).

Muitas vezes, os estudantes não são considerados como cidadãos que atuarão de forma social, coletiva e política, mas sim, como profissionais que precisam desenvolver técnicas e habilidades para atuarem no mercado de trabalho (TAVOLARO, 2016¹³; PFUETZENREITER; ZYLBERSZTAJN, 2004). Além disso, há forte uso de aulas

⁸ hooks, bell. *Pedagogia engajada*. In: hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020, p. 46-51.

⁹ PAULA, E. M. N. D. **Matrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária do Brasil**: análise com ênfase no Ensino da Saúde Pública Veterinária. 190p. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Jaboticabal, 2020 190 p.

¹⁰ RONCATI, N. V.; PEREIRA, C. A. D.; RONCATI, A. C. K. P. Perfil docente frente às metodologias ativas de ensino e aprendizagem. **Revista CFMV**, v. 60, p. 63-68, 2013.

¹¹ BÜRGER, K. M. O ensino de saúde pública veterinária nos cursos de graduação em Medicina Veterinária do estado de São Paulo. 2010. 129 p. **Tese de Doutorado** (Doutorado em Medicina Veterinária), Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias – UNESP, Campus de Jaboticabal, SP.

¹² PFUETZENREITER, M.R.; ZYLBERSZTAJN, A. O ensino de saúde e os currículos dos cursos de medicina veterinária: um estudo de caso. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.8, n.15, p.349-60, mar/ago., 2004.

¹³ TAVOLARO, P. A necessidade do fortalecimento do conhecimento humanístico na formação do médico veterinário: a visão de estudantes do segundo semestre de graduação. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia**, CRMV-SP, v. 14, n. 1, p. 28-34, 2016.

meramente expositivas, que inserem o alunado em posicionamento passivo perante seu processo formativo (MEIRELLES *et al.*, 2019; COBUCCI, 2017; CFMV, 2012¹⁴).

Como discutiram alguns autores, os docentes do curso superior em questão possuem escassos conhecimentos pedagógicos (BOTELHO *et al.*, 2018¹⁵; OLIVEIRA *et al.*, 2018). Adicionalmente, parece haver resistência em inserir novas metodologias de ensino, como as MA (MEIRELLES *et al.*, 2019; TORRES; CHIRELLI, 2019¹⁶; EIMANTAS, 2014¹⁷).

Nesse cenário, cara bell, percebo potencialidades em aproximar a concepção de pedagogia engajada da necessidade de mudanças nos currículos veterinários. Pois como você mencionou: “a pedagogia engajada é essencial a qualquer forma de repensar a educação, porque traz a promessa de participação total dos estudantes” (hooks, 2020, p. 50).

Penso ser também uma alternativa a conciliação do engajamento dos graduandos de Medicina Veterinária com a aplicação de variadas técnicas de ensino utilizadas pelos docentes, sobretudo as baseadas na MA. Relatos recentes têm mostrado resultados relevantes quanto à participação ativa, ao interesse e à construção dos conhecimentos quando essas são empregadas (SANTOS *et al.*, 2020¹⁸; ANTUNES *et al.*, 2019¹⁹).

Perceber que a pedagogia engajada dialoga com a educação libertadora, tão bem defendida por Freire (1987), me traz segurança. Educação esta que prevê a participação ativa do educando, que considera professor e estudante como sujeitos do processo de ensino e aprendizagem e o diálogo como essência do processo formativo.

Porém, não tem sido fácil inserir debates desse tipo, bell. Defender a necessidade de maior capacidade didático-pedagógica para professores universitários, visando construir um ambiente acadêmico de confiança, troca de saberes mútuos e crescimento profissional, mas também pessoal para docentes e discentes, é nadar contra a corrente.

Como apontado anteriormente, e reforçado por Torres e Chirelli (2019), a formação docente no campo da Medicina Veterinária ainda é embrionária, o que, por vezes, perpetua uma visão distorcida quanto à utilização de técnicas de ensino mais dinâmicas, mais dialógicas, mais envolvimento de educadores e educandos, que retirem o docente do perfil de único capaz de compartilhar conhecimentos. Há professores que alegam investir em aulas expositivas tradicionais em maior grau por acreditarem que aplicar metodologias ativas em sala de aula exige maior tempo de aula e os impede de cumprir todo o cronograma e transmitir o maior número de informações (MEIRELLES *et al.*, 2019; COBUCCI, 2017).

¹⁴ CFMV - Conselho Federal de Medicina Veterinária. **Estratégias de ensino aprendizagem para desenvolvimento de competências humanísticas:** propostas para formar veterinários para um mundo melhor. Brasília: CFMV, 2012, 152p.

¹⁵ BOTELHO, A. F. M. et al. A docência e o ensino da medicina veterinária. **Revista CFMV**, Brasília: DF, n. 77, abr./jun., p. 41-44, 2018.

¹⁶ TORRES, V. F.; CHIRELLI, M. Q. Formação Docente na Medicina Veterinária: desafios e estratégias desvendados pela análise temática. **CIAIQ2019, Atas**, p. 681-690, 2019.

¹⁷ EIMANTAS, G. **Uso de manequins no ensino da Medicina Veterinária.** Boletim APAMVET, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 14-16, 2014.

¹⁸ SANTOS, R. F. D.; SANTOS, J. B. D.; MOREIRA, C. A. Medicina Veterinária e a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP): uma experiência aplicada às disciplinas de Microbiologia e Imunologia. In: **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, 2020.

¹⁹ ANTUNES, V. L. C.; PASQUALINI, A. C. B.; ANDREAZZI, M. A.; EMANUELLI, I. P. Metodologia ativa: método PBL adaptado para extensão rural em pecuária leiteira. **XI EPCC: Anais Eletrônicos**, out., 2019.

Sobre isso, apresento uma passagem trazida em seu livro, cara bell: “Quando comecei a trabalhar em sala de aula, assim como vários professores, minha maior preocupação, quiçá obsessão, era se uma quantidade substancial de informações seria ou não abordada” (hooks, 2020, p. 47).

Apesar dessa confissão, você traz um complemento essencial a favor da pedagogia engajada, que diz respeito à importância de desconstruir essa visão conteudista e reservar um tempo de aula para que os alunos compartilhem informações sobre sua realidade e seus desejos, tornando o clima em sala de aula mais positivo e próspero à construção de saberes (hooks, 2020).

Em sua obra *Ensinando a Transgredir*, pensando em instituições de ensino que, constantemente, reforçam as ideias de educação bancária, você discute que os docentes costumam ser mais valorizados quando seguem o *status quo*, quando não enxergam a educação como prática da liberdade (hooks, 2013)²⁰. No entanto, me conforta ao reconhecer que nós duas acreditamos em uma educação acompanhada de amor, humildade e esperança, assim como defendido por Freire (1987).

Sigo acreditando que mais professores desejem se engajar e busquem transformar suas salas de aulas em espaços de desenvolvimento do pensamento crítico. Com base nisso, defendo que, ainda que o graduando de Medicina Veterinária venha a se tornar médico veterinário, este também é cidadão.

Como tal, ele está inserido em uma realidade sócio-histórica, e não atuará apenas nos âmbitos animal, vegetal e humano (DUTRA, 2006)²¹. Ele também atuará no âmbito social (BÜRQUER, 2010).

Por conseguinte, considerar que os alunos de Medicina Veterinária devem ser instruídos de maneira unicamente tecnicista, com base em conhecimentos específicos, teóricos e práticos das áreas de atuação do médico veterinário, como apontaram as análises de Pfuetzenreiter e Zylbersztajn (2004), não condiz com uma educação como prática da liberdade. Como defendido por Freire (1987), não há como desvincular os aspectos humanísticos da educação, seja esta profissionalizante, técnica ou básica.

O ponto é: esses estudantes não são máquinas reprodutoras de técnicas e habilidades práticas a fim de atender puramente ao mercado de trabalho e produção. Cabe também aos professores desconstruir tal visão em seu alunado por meio da prática da pedagogia engajada, permitindo que ambos se conheçam melhor e interajam entre si (hooks, 2020).

Como defendido em sua obra: “a pedagogia engajada enfatiza a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre todas as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula” (hooks, 2020, p. 49). Sendo assim, é de grande importância que os alunos percebam que podem contribuir de forma significativa para o seu próprio processo formativo através de diversos aspectos como o ato de ler, ouvir, escrever, criar, compartilhar, dialogar, etc. (hooks, 2020).

Mais que isso, enfatizo que os diálogos em espaços acadêmicos podem e devem ir além dos conteúdos veterinários. Discutir temas sociais, receios e anseios também

²⁰ hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

²¹ DUTRA, M. G. B. As múltiplas faces e desafios de uma profissão chamada Medicina Veterinária. **Revista CFMV**, Brasília/DF, n. 37, p. 51-58, 2006.

engrandece o espaço acadêmico e pode favorecer a participação, o interesse e o comprometimento em aulas subsequentes.

Além disso, como aponta Freire (1987), docentes e discentes são indivíduos inseridos em um mundo em constante transformação. Acredito que ambos são capazes de construir uma relação de comprometimento com o ensino e a aprendizagem, para transformação de suas realidades e contribuições para a sociedade. Para tanto, faz-se necessário revisitar e reformular constantemente os currículos, o conteúdo programático e as técnicas de ensino utilizadas.

Não há como negar que não é tarefa simples mudar uma postura educacional fortemente enraizada nas Escolas Veterinárias, bem como em qualquer nível de ensino. São muitos fatores envolvidos: infraestrutura, recursos disponíveis, capacitação pedagógica, cultura, posturas divergentes (tanto de professores, quanto de estudantes), entre tantos outros.

Porém, se temos a chance de suscitar debates em educação e apresentar concepções educacionais que possam culminar com diferentes práticas pedagógicas, que atinjam os diferentes perfis de alunos e acompanhem as modificações sociais, econômicas e políticas ao nosso redor, cabe a nós enquanto educadores, fazê-lo. Acredito, enfim, em uma Educação Veterinária humanizadora, interdisciplinar, social e engajada.

Por fim, querida bell, gostaria de poder sentar ao seu lado e dizer que, embora você seja reconhecida por suas discussões vinculadas às questões de gênero e raça – que também me engrandecem como mulher e cidadã –, seus ensinamentos educacionais trouxeram fortes aprendizados para minha atuação como educadora em Medicina Veterinária. Talvez seja isso: o pensar criticamente aquilo que assimilamos, promovendo aplicações significativas em nossos cenários de vivência, nos permitindo aprender e compartilhar sempre mais.

Com admiração, gratidão e carinho,

*Educadora-educanda em constante construção.